

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
MALAMOR/TAITED LOVE – REALIZADORES CONVIDADOS: JOÃO PEDRO
RODRIGUES E JOÃO RUI GUERRA DA MATA
com a BOCA – Bienal de Artes Contemporâneas
4 de Outubro de 2025

O FANTASMA / 2000

Um filme de João Pedro Rodrigues

Realização: João Pedro Rodrigues / Argumento: João Pedro Rodrigues, José Neves, Paulo Rebelo e Alexandre Melo / Direcção de Fotografia: Rui Poças / Decoração e Guarda-Roupa: João Rui Guerra da Mata / Som: Mafalda Roma / Montagem: Paulo Rebelo e João Pedro Rodrigues / Interpretação: Ricardo Meneses (Sérgio), Beatriz Torcato (Fátima), André Barbosa (João), Eurico Vieira (Virgílio), etc.

Produção: Rosa Filmes - RTP / Produtor: Amândio Corrado / Cópia em 35mm, colorida, falada em português, com legendas em inglês / Duração: 90 minutos / Estreia em Portugal: 20 de Outubro de 2000.

O Fantasma é apresentado em “double bill” com **Je Vous Salue Marie**, de Jean-Luc Godard (“folha” distribuída em separado).

Entre a projeção dos dois filmes há um intervalo de 10 minutos.

Depois de **Parabéns**, João Pedro Rodrigues estreou-se no formato longo com **O Fantasma**. Foi uma estreia que passou tudo menos discreta: fosse pela exibição no Festival de Veneza (com ecos bastantes positivos na imprensa, portuguesa e internacional), fosse pelo carácter específico e explícito da sua temática e, sobretudo, de algumas das suas cenas, falou-se muito de **O Fantasma**.

A frase promocional mais usada aquando da estreia do filme dizia que “ninguém pode viver sem amor”. Simples, quase sentimentalista, a frase parecia instalar uma décalage entre ela e o “conteúdo” violento, cru, negríssimo, do filme, e podia parecer despropositada. Mas há “taglines” que podem lançar alguma luz sobre o objecto que, aparentemente, apenas pretendem promover. Vistas assim as coisas, uma tal frase está para **O Fantasma** como esteve para **Peeping Tom** a frase em que Michael Powell lhe chamou “um filme doce”. No meio da brutalidade, no meio da “cruza” (palavra que é sempre um óptimo eufemismo para descrever cenas de sexo explícito que ultrapassam a acepção convencional do “erotismo”), há aqui um “filme doce”, a história de uma personagem “sem amor”, cujo desamparo se transforma em obsessão, rejeição e destruição, rumo à total dejecção: entre o cão e o lixo que desde o princípio se associam ao protagonista, define-se o seu lugar e a sua humanidade escorraçada, numa condenação à animalidade (ao longo do filme o rapaz é cão, gato, pássaro, peixe, cobra, morcego) e ao desaparecimento entre os detritos (quando já não é mais do que uma mosca a esvoaçar sobre a porcaria).

Tudo isto se passa no interior de uma construção visual que funciona por alusão ou sugestão, muito mais do que por explicitação – dir-se-ia que explícito, em **O Fantasma**, só mesmo o sexo, e mesmo com um estatuto sempre ambíguo, assombrado ele próprio por não poucos

fantasmas (a impotência, a rejeição, a voracidade sexual como consequente instrumento de vingança sobre o mundo). Mas é para essa ambiguidade aparecer que o sexo é explícito. “X rated”? Eventualmente (ou “tecnicamente”) sim, mas estamos longe da “ganga” do filme porno, e se calhar é isso que incomoda mais: apenas a expressão de um desconsolo que não tem nada a ver com o prazer (nem com a sua simulação).

A longa noite de **O Fantasma** é o resultado de uma magnífica contiguidade entre um universo físico e um universo mental. O espaço é o de uma Lisboa deserta, desnaturalizada, transfigurada pelas luzes nocturnas e pelas cores da escuridão, como uma Gotham City à espera do seu homem-morcego. “Real” sem ser “realista”, “realista” sem ser “real” – há uma geografia precisa, a zona de Alvalade – nota-se uma convocação de elementos formais que leva ao extremo a confusão entre as ordens de realidade. Por exemplo, o som dos aviões em rota para o aeroporto (e que sobrevoam, já muito baixo, aquela zona de Lisboa), sendo um efeito a priori completamente “realista”, é tão acentuado que deixa de o ser: configura antes uma “interrupção” constante, uma perturbação interior tanto quanto exterior, uma manifestação de um mal estar “planante” – ou ainda, no seu carácter repetitivo, uma rima para obsessão do protagonista, repetitiva como todas as obsessões.

Nunca será suficientemente elogiada a sequência final de **O Fantasma**, quando o protagonista, perdido, humilhado, rejeitado, algemado, se transforma através de um “raccord” tão simples como brilhante numa espécie de super-anti-herói vestido de látex negro. A partir daí não há mais palavras no filme: é um “pesadelo de Feuillade”, com a personagem projectada numa criatura sobre-natural, algures entre o sonho e a vigília, entre o desejo e o desejo da sua consumação, entre a imaginação que suspende o tempo e o espaço e a “fisicalidade” do espaço e do tempo que suspendem a imaginação. Nos mais estranhos decores (o plano no cemitério, que procura ali o protagonista?), que João Pedro Rodrigues filma num punhado de enquadramentos magníficos (o aterro e os carros do lixo, como um filme de ficção científica), a personagem é devolvida aos mortos e ao lixo, no caminho da sua própria dissolução, cujo último estado é o de “homem-mosca”.

Luís Miguel Oliveira